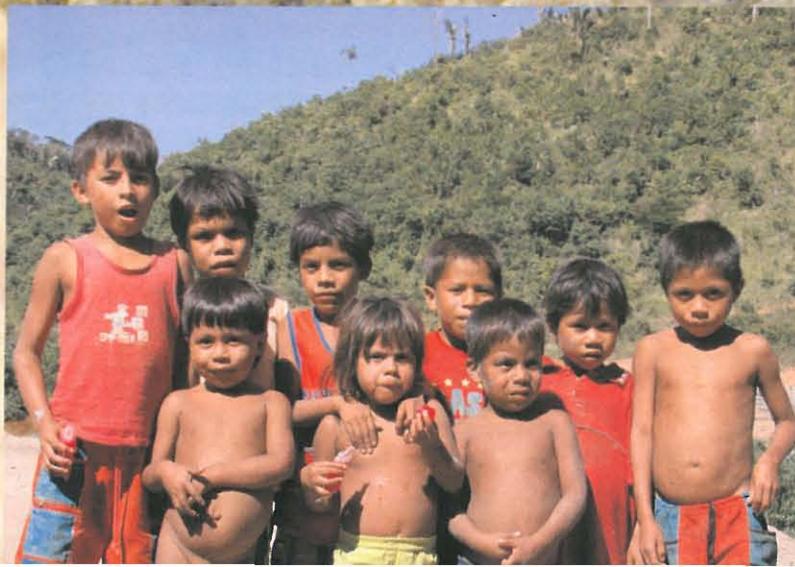


“Voz - do latim voce - voz;  
som da voz; acento, tom,  
em sentido musical;  
palavra, vocábulo; sen-  
tença; palavras pronun-  
ciadas por alguém. Em 978  
*'aquele homem, ainda de  
barro, recebeu o sopro da  
vida e mostrou sua voz'*”.<sup>1</sup>



# Voz Maxaka





ali

“Esse *mi mta* é apertado dentro da boca da criança de colo. A mãe procura por ele na beira da estrada e aperta dentro da boca da criança. Depois disso ela começará a falar. Mas se não apertar o *mi mta* na boca da criança, ela ficará sem voz.”<sup>2</sup>.

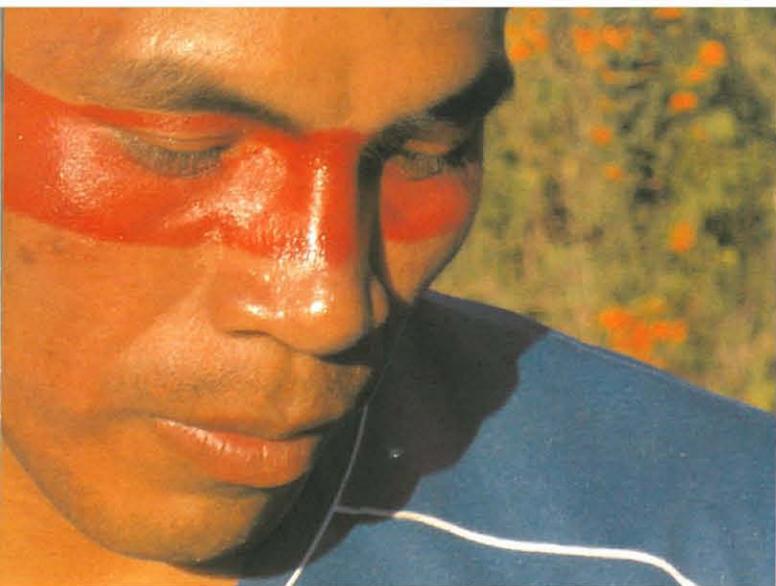
“Descobri que, se em vez de me concentrar na sombra do corredor, me deitasse de costas a olhar a mancha rutilante, meu olhar poderia realizar o caminho inverso da luz e pousar no ramo mais alto da árvore e aprender com esta a produzir clorofila – a primeira matéria do poema. Essa postura, no entanto, tornou-me malcriada. Eu deveria crescer na direção do corredor, e estava a crescer na direção da árvore. Estive quase a dar ouvidos a essa voz humana que insistia que eu estava a crescer mal. E, de facto, era uma postura estranha. O meu corpo permanecia deitado, *no chão do quarto*, enquanto o meu olhar aprendia a fazer poemas.”<sup>3</sup>.

Duas vozes. São elas que guiarão o texto. A princípio, pelo menos.

A primeira é a de Rafael. Maxakali. O homem-índio-escritor que, agora, trabalha e organiza a escrita do pensamento e do livro sobre a saúde e a medicina de seu povo. O *Livro de Saúde Maxakali*.

A segunda é a de Maria Gabriela Llansol. A Senhora do Amor Completo que disse nascer “para acompanhar a voz, fazê-la percorrer um caminho”<sup>4</sup>. A trajetória do poema. A Senhora do Amor Completo trilha o caminho do poema. A voz lhe guia.

“Se vim para acompanhar a voz,  
irei procurá-la em qualquer lugar que fale,  
montanha,  
campo raso,  
praça da cidade,  
prega do céu – *conhecer o Drama-Poesia desta arte*. Sentir como bate, num latido, na minha mão fechada. Como, ao entardecer, solta, tantas vezes, um grito súbito: – Poema, que me vens acompanhar, por que me abandonaste? Como me pede que não oiça, nem veja, mas me deixe absorver, me deixe evoluir para pobre e me torne, a seu lado, uma espécie de poema sem eu.”<sup>5</sup>.



Da mesma forma, guiado pela voz da memória Maxakali, Rafael tomou este trabalho como meta. Fazer poema da saúde de seu povo. Das plantas da floresta, do mato, do campo seco. Das plantas que crescem em volta das casas da aldeia e daquelas que aproveitam a água das bacias para se desenvolver. Foi isso que primeiro o homem-índio-escritor desejou. Deveria começar o livro pelo que há de menor. Pelo princípio. Sem hierarquia. Ele recebe a voz do sopro do *mi mta*. Do verde da planta. "Clorofila - a primeira matéria do poema."<sup>6</sup> Como no texto bíblico, o índio ganha a vida de um sopro. Entretanto, como pequeno e emudecido pela força da história, o sopro vem de uma semente sem valor, imperceptível como a voz do índio. Foi deste ponto que Rafael Maxakali partiu. Iniciou o pensamento sobre a medicina do seu povo com os olhos pregados no chão. Mas para isso acontecer com mais força, sabia que era necessário o encontro com um velho que carrega a **cura na voz e nas mãos**. E, além disso, esse velho possui olhos muito mais velhos que os dele. Mais velhos e mais acostumados com o chão. "O chão é um ensino",<sup>7</sup> como disse o poeta. E haveria de ser na aldeia, pois lá é onde os espíritos do mato, que correm pelo capim e atrapalham os cabelos dos índios, cuidariam do trabalho.

"- É Parasceve, a cheia de graça - disse ao poema em que meu olhar crescia: - Desce até ela. Foi a segunda descoberta do olhar - na clorofila não há metáfora. O corpo ouviu e traduziu para as suas necessidades de movimento - em Parasceve, não há descida aos infernos. Há ritmo, há espaço, há voz."<sup>8</sup>

Tempos depois, na aldeia, paisagem edificante do poema, esse velho, acompanhado por Rafael e outros três, que nunca compreenderiam, com rigor, a importância da **palavra** daquele homem, foram para o mato. Seu nome, Toninho. Seu Toninho. Nome e corpo miúdos para tamanha sabedoria. E no mato, Seu Toninho mostrou a *mi mta*. A planta que garante a voz ao índio. O dom poético. Garante a permanência da tradição de contar, para os menores, a história do povo, os ensinamentos que todos devem receber. E, com a voz, garante a permanência do espírito.

"É isso a poesia. Reconhecer a fonte da beleza, a sua *physis* e o seu destino."<sup>9</sup>

Segundo Seu Toninho, o índio que carrega a **cura na voz e nas mãos**, a pequena semente é o que permitirá, no futuro, que o texto permaneça. "Clorofila - a primeira matéria do poema".<sup>10</sup> Ela contém a força que se manifestará na voz dos que falarão à comunidade. Ela permite a experiência da voz. Uma relação com o que está fora. Com o que se vê com os espíritos da floresta.

"Qual é a sua?, quis saber. Uma forma literária que funde a comunidade no fulgor."<sup>11</sup>



A pequena semente encontrada entre as pedras, na raiz das árvores, na beira das trilhas tem essa tarefa. Fazer com que o texto seja compartilhado e multiplicado nas gerações futuras. A escrita dessas vozes está ligada à história da terra da qual cada um se faz instrumento de transmissão. Não é somente a voz daquele velho que faz seu trabalho, mas é aquela ligada à história da terra. O texto da história que não se entrava no passado nem nele encontra seu lugar. Mas no devir. A autoridade dada pela semente é a força para dizer o texto das vozes daquela terra.

“Sim, tenho-me interrogado muito sobre isso. Aossê compreendeu que o texto tem várias vozes; aliás, se assim não fosse, não haveria vários futuros possíveis, mas creio que interpretou mal o silêncio o texto; na realidade, no momento da montagem, ele não se cala, pura e simplesmente torna-se inaudível;

no momento em que, ao que tudo indica, mais precisaríamos que uma única voz se fizesse ouvir, quando temos de lhe dar corpo, de tomar as nossas decisões de escreventes, ele silencia-se,

quer ser ouvido com rigor,  
compreendido exactamente no seu pensar,  
que seja eximamente preenchida a distância que os separa dos humanos, que a montagem não deixa quaisquer dúvidas sobre a fulgurância do seu movimento,

e quer que seja o humano a fazê-lo  
(porque) só este tem, momentaneamente, uma única voz,  
o sexo de ler que se vai gerando no escrevente, um ou vários,  
sem vergonha de virmos a ser o que não fomos,  
e coloquei a minha mão sobre a dela,  
Elvira.”<sup>12</sup>.

Izabela D'Urço  
Mestranda em Teoria da Literatura  
FALE/UFMG



1. MACHADO. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, p. 2318.
2. MAXAKALI. *Livro de Saúde Maxakali*.
3. LLANSOL. *Onde vais Drama-Poesia?*, p.12.
4. LLANSOL. *Onde vais Drama-Poesia?*, p.12.
5. LLANSOL. *Onde vais Drama-Poesia?*, p.13.
6. LLANSOL. *Onde vais Drama-Poesia?*, p.12.
7. CASTELLO BRANCO. *Poesia de Mendigos Superiores*, p.10.
8. LLANSOL. *Onde vais Drama-Poesia?*, p.13.
9. LLANSOL. *Onde vais Drama-Poesia?*, p.46.
10. LLANSOL. *Onde vais Drama-Poesia?*, p.12.
11. LLANSOL. *Onde vais Drama-Poesia?*, p. 264.
12. LLANSOL. *Onde vais Drama-Poesia?*

